



PUNIÇÃO PARA A INOCÊNCIA

O veredicto é assassinato. Porém, enquanto cumpre sua pena de prisão perpétua por matricídio, Jacko Argyle morre na prisão. Dois anos mais tarde, um estranho abala a paz da família Argyle. Poderia Arthur Calgary apresentar o elemento que faltava na defesa de Jacko?. Teria Jacko sido condenado por um crime que não cometeu? Mas se não foi Jacko quem cometeu o crime, então *quem foi?*

AGATHA CHRISTIE

PUNIÇÃO
PARA A
INOCÊNCIA

ORELHA DO LIVRO

PUNIÇÃO PARA A INOCÊNCIA

Calgary é um homem de amplos conhecimentos, e uma companhia agradável. Um dia está diante do rio e precisa atravessá-lo. Dá com o barco, e com seu barqueiro. Não chegaria, de outra maneira, até o Recanto do Sol. Tudo parece muito mitológico, mas a vida está ali mesmo, repleta de sua realidade, e de sua violência. Uma casa com aquele nome: o leitor pensa logo em praia, prazer, descompromisso. E encontra as sombras. As sombras irresistivelmente reunidas em torno da lareira, onde as crianças se aqueciam, e o amor, a proteção da Sra. Argyle era a chama de maior constância. Que fim levou o menino Jacko? Ele vingou, cresceu, traiu, negociou. E foi visto, depois, na mesma noite em que sua mãe adotiva se cobriu de mistério e escuridão. Qual a culpa de Jacko, desajustado, tratante, criminoso — entretanto, quem sabe, destruído por uma só inocência? Ante o escuro, de novo, da prisão.

Mas não foi só no Recanto do Sol que o Sr. Calgary se viu cercado de sombras. Houve, antes, o dia do estrondo, choque, impacto que lhe apagou todas as luzes da memória, atropelo, trapo de Calgary atropelado. Sol ou víbora, bom ou ruim se lembrar mais tarde, rever a cena, a seqüência inteira, o álibi confirmado? Uma luz incômoda, agora, este cidadão. Gostariam de apagá-lo/a: os outros, todos — como aceitar aquele que não esquece? O leitor acabará descobrindo um assassino. Não o de Jacko, porém. Pois este crime, nem ele próprio — o leitor — pode estar certo de não ter cometido. Caso se sinta culpado, o melhor é ficar bem quieto no seu canto, procurando entender por que lhe acontece isso. Terá mesmo que se dar por muito feliz se tiver sido vítima, tão-somente, de sua consciência, não da víbora que se enrosca pelos cômodos da casa e desde o início o olha no fundo dos olhos, sem a menor hesitação.

CAPÍTULO I

Já era crepúsculo quando ele chegou ao cais. Poderia ter chegado muito antes, mas a verdade é que havia protelado aquilo o quanto lhe fora possível.

Primeiro almoçara com amigos em Redquay; a conversa leve e inconseqüente, a troca de mexericos a respeito de amigos comuns, tudo aquilo não significara mais do que um pretexto para justificar o fato de estar interiormente recuando ante o que tinha de fazer. Seus amigos o haviam convidado a ficar para o chá e ele prontamente aceitara. Porém, por fim, havia chegado o momento em que sabia não poder continuar a adiar as coisas.

O carro que alugara estava esperando. Despediu-se e partiu para cobrir as sete milhas de tráfego pesado da estrada da costa e, depois, seguir para o interior ao longo da estradinha sombreada de árvores que conduzia ao pequeno cais de pedra no rio.

Havia um enorme sino que seu motorista fez soar vigorosamente para chamar o barco que estava na outra margem.

— Não vai querer que o espere, senhor?

— Não — disse Arthur Calgary. — Já pedi um carro que me virá buscar daqui a uma hora para levar-me até Drymouth.

O homem recebeu a corrida e a gorjeta. E acrescentou, espiando para o outro lado do rio através das sombras:

— O barco já está vindo, senhor.

Com um suave boa-noite ele manobrou o carro e afastou-se morro acima. Arthur Calgary ficou só, esperando no cais. Só com seus pensamentos e apreensões a respeito do que estava para

enfrentar. Como era rude a natureza por ali, pensou. Dava para se pensar nas bordas de algum lago escocês, longe de tudo e de todos. No entanto, a poucas milhas de distância estavam os hotéis, as boutiques, os bares e as multidões de Redquay. Refletiu, não pela primeira vez, sobre os extraordinários contrastes da paisagem inglesa.

Ouviu o suave chapinhar dos remos do barco que se aproximava do pequeno cais. Arthur Calgary desceu a rampa íngreme e entrou no barco que o barqueiro firmava com um gancho. Era velho e deu a Calgary a estranha impressão de que ele e seu barco se pertenciam mutuamente, eram um só, indivisíveis.

Uma brisa fresca chegou do lado do mar quando começavam a se afastar.

— A noite está fria — disse o barqueiro.

Calgary deu a resposta adequada. Chegou mesmo a concordar que fazia mais frio do que no dia anterior.

Estava consciente, ou pelo menos julgava estar, de uma velada curiosidade nos olhos do barqueiro. Era de fora. Era forasteiro que aparecia depois da temporada propriamente dita. Além do mais, o forasteiro estava fazendo a travessia numa hora meio estranha, pois já era tarde demais para tomar chá no bar junto ao cais. Não levava bagagem, logo não podia estar chegando para demorar. (Por que, ficou imaginando Calgary, teria vindo tão tarde? Seria realmente porque, no subconsciente, estava tentando protelar aquele momento? Deixar para o mais tarde possível o que tinha de ser feito?) Cruzando o Rubicão, o rio... o rio... sua mente voltou-se para um outro rio, o Tâmis.

Ele olhara para o rio sem vê-lo (teria sido mesmo apenas ontem?); depois se voltara para tornar a olhar para o homem que se sentava à sua frente à mesa. Aqueles olhos pensativos traziam em si alguma coisa que ele não havia chegado a ser capaz de compreender. Algo mantido em reserva, algo pensado porém não expressado...

“Suponho”, pensou ele, “que aprendem a jamais revelar o que estão pensando.”

A coisa toda era realmente assustadora quando se pensava bem. Ele tinha de fazer o que devia ser feito, e depois... *esquecer!*

Franziu a testa ao lembrar a conversa da véspera. Aquela voz agradável, tranqüila, neutra, dizendo:

— O senhor está inteiramente decidido a respeito do caminho que vai tomar, Dr. Calgary?

Ele respondera, acalorado:

— Que mais *posso* fazer? Por certo há de compreender isso? Deve concordar! É uma coisa que não posso recusar-me a fazer.

Mas não conseguira compreender aquele olhar cinzento e reservado e ficara um tanto perplexo com a resposta:

— Todo assunto tem de ser encarado sob todos os pontos de vista, considerado sob todos os aspectos.

— Mas sem dúvida sob o prisma da justiça só pode haver um ponto de vista!

Havia falado acaloradamente, pensando por um momento que estava sendo feita alguma sugestão ignóbil de se “abafar” o assunto.

— De certo modo, sim. Porém há mais do que isso a considerar. Mais do que, digamos, justiça?

— Não concordo. Há a família a considerar.

E o outro disse, rapidamente: — Claro. Ah, sim, claro. Era *neles* que eu estava pensando.

O que parecera a Calgary a maior tolice! Porque se alguém estivesse pensando *neles*...

Porém imediatamente o outro continuara, com sua voz agradável e inalterada:

— Isso é inteiramente com o senhor, Dr. Calgary. O senhor deve, naturalmente, fazer exatamente aquilo que sentir que deve fazer.

O barco chegou ao outro lado. Ele havia atravessado o

Rubicão.

A voz do barqueiro, com seu suave sotaque do oeste da Inglaterra, disse:

— São quatro *pence*, senhor; ou deseja ida e volta?

— Não — disse Calgary. — Não vou voltar. (Como a frase parecia fatídica!)

Pagou, depois perguntou:

— Conhece uma casa chamada Recanto do Sol?

Imediatamente a curiosidade deixou de ser velada. O interesse nos olhos do velho saltava de avidez.

— Mas é claro. É ali, para a direita, dá para ver no meio das árvores. O senhor sobe a colina pela estrada, sempre à direita, depois pega o caminho do novo conjunto residencial. É a última casa, bem no fim.

— Obrigado.

— O senhor disse Recanto do Sol, não disse? Onde a Sr^a Argyle...

— Isso mesmo — cortou Calgary. Não queria discutir o assunto. — O Recanto do Sol.

Um sorriso lento e um tanto peculiar contorceu os lábios do barqueiro. Repentinamente ficou parecido com um fauno velho e safado.

— Foi *ela* quem deu esse nome à casa, durante a guerra. Era casa nova, é claro, tinham acabado de construir, não tinha nome. Mas o terreno onde ela fica, aquele bosquezinho, chama-se mesmo é Recanto da Víbora! Mas Recanto da Víbora não ia servir para *ela*, não para ser nome da casa dela. E então chamou de Recanto do Sol. Mas nós sempre chamamos de Recanto da Víbora.

Calgary agradeceu bruscamente, disse boa-noite e começou a subir a colina. Todos pareciam estar recolhidos às suas casas, porém teve a impressão de que olhos ocultos espiavam pelas janelas de todas as casas; todos olhando e sabendo para onde ele ia. Dizendo,

uns para os outros: “Ele vai para a Recanto da Víbora...”

Recanto da Víbora. Como o nome devia ter parecido horrivelmente apropriado...

Pois mais aguda que o dente da serpente...

Ele cortou bruscamente seus pensamentos. Precisava controlar-se e decidir exatamente o que iria dizer...

II

Calgary chegou ao fim da encantadora estrada recentemente construída, com suas encantadoras casas novas de cada lado, cada uma cercada por terreninhos precisamente iguais; cactus, crisântemos, rosas, palmas, gerânios revelavam o gosto individual do dono de cada jardim.

No final da estrada havia um portão no qual se podia ler RECANTO DO SOL em letras góticas. Ele abriu o portão, entrou e subiu por um pequeno caminho. Lá estava a casa bem na frente dele, uma casa moderna, bem construída e sem personalidade, com mansardas e varanda. Poderia pertencer a qualquer subúrbio residencial de boa categoria, ou a qualquer novo bairro residencial. Não ficava à altura, na opinião de Calgary, da vista que descortinava. Pois a vista era magnífica. O rio, naquele ponto, descrevia uma curva de quase 360° em torno de uma ponta. Do outro lado, descortinava-se colinas cobertas de árvores; um pouco mais abaixo o rio tornava a dar uma curva e penetrava num vale de prados e hortas.

Por um momento Calgary olhou o rio, para cima e para baixo. Aqui deveria ter sido construído um castelo, pensou ele, um castelo ridículo, impossível, saído de um conto de fadas! Castelo de bolo de aniversário de criança. Ao invés, ali estavam bom gosto, controle, moderação, muito dinheiro e nenhuma imaginação.

Por isso, naturalmente, não se poderia culpar os Argyles, já

que eles haviam apenas comprado a casa, não a haviam construído. Mesmo assim, eles ou um deles (a Sr^a Argyle?) a haviam escolhido...

Ele disse de si para si: — *Você não pode adiar mais nem um momento...* e apertou a campainha ao lado da porta,

E ali ficou ele, esperando. Após um intervalo razoável, tornou a tocar. Não ouviu qualquer ruído de passos no interior, porém, sem qualquer aviso, repentinamente a porta se abriu.

Ele recuou um passo, assustado. Para a sua imaginação já superestimulada, parecia que a própria Tragédia estava ali parada, cortando-lhe o caminho. Era um rosto jovem; na verdade era na pungência de sua juventude que residia a própria essência de sua tragédia. A Máscara Trágica, pensou ele, deveria sempre ser uma máscara jovem... desamparada, predestinada, com a desgraça se aproximando inexoravelmente... com o futuro...

Controlando-se, ele raciocinou: “Tipo irlandês.” O azul profundo dos olhos, a profunda sombra em torno dos mesmos, o farto cabelo negro, a melancólica beleza dos ossos do crânio e da face.

A moça permaneceu ali, parada, alerta e hostil.

Disse, por fim:

— Pois não. O que deseja?

Ele respondeu convencionalmente.

— O Sr. Argyle está?

— Está. Mas não recebe ninguém. Quero dizer, ninguém que não conheça. E. ele não o conhece, conhece?

— Não. Ele não me conhece, porém...

— Então é melhor o senhor escrever...

— Desculpe, mas eu precisava realmente vê-lo. Estou falando com a... Sr.^{ta} Argyle?

Ela confessou com relutância.

— Sim, sou Hester Argyle. Mas meu pai não vê ninguém sem hora marcada. É melhor o senhor escrever.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

